

Karen Renata Nakamura Hiraki ^a,
Denise Miyuki Kusahara ^c,
Maria Cristina de Andrade ^c,
Eduardo Alexandrino Servolo de Medeiros ^c,
Paulo Henrique Braz da Silva ^d,
Monica Taminato ^c

^a Universidade Federal de Uberlândia (UFU),
Uberlândia, MG, Brasil

^b Hospital do Rim e Hipertensão (HRim), Fundação
Oswaldo Ramos, São Paulo, SP, Brasil

^c Escola Paulista de Enfermagem, Universidade
Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP,
Brasil

^d Faculdade de Odontologia, Universidade de São
Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Com o surgimento da pandemia causada pelo SARS-CoV-2, tornou-se urgente entender a fisiopatologia e interação deste, com outros patógenos em diferentes situações clínicas. Identifica-se lacuna na literatura, pois não há estudos que elucidem a ocorrência de infecção e a excreção oral do novo Coronavírus e de Herpesvírus humanos na população infantil em TRS.

Objetivos: Verificar a soroprevalência e excreção oral do SARS-CoV-2 e dos Herpesvírus em uma coorte de crianças com doença renal crônica em terapia renal substitutiva.

Material e método: Coorte prospectiva desenvolvida no Serviço de Nefrologia Pediátrica do Hospital São Paulo - UNIFESP. A população do estudo é constituída por todos os indivíduos em tratamento dialítico na instituição e um acompanhante. Serão acompanhados por 12 meses e serão coletadas amostras de saliva e sangue, do paciente e de seu acompanhante, em 5 momentos: T0 (inicial), T1 (30 dias), T2 (3 meses), T3 (6 meses) e T4 (12 meses). As amostras biológicas serão armazenadas em freezer à - 80 °C. Posteriormente, serão analisadas por reação da Polimerase em cadeia (RT-PCR) para detecção dos vírus de interesse.

Resultados preliminares: Até o momento, foram incluídas 9 crianças e adolescentes em hemodiálise, e realizadas as coletas de sangue e saliva dos momentos T0, T1 e T2. Os participantes apresentam, em média, 11 anos de idade. Em relação ao sexo, 6 (66,6%) são do sexo masculino e 3 (33,3%) feminino. A sorologia para SARS-CoV-2 apontou 9 (100%) com resultado não reagente no T0, e 8(%) no T1. No (T1) 1 participante apresentou sintomas de COVID-19, com resultado reagente para PCR de secreção de nasofaringe. Em relação ao acompanhante, todos eram do sexo feminino, com média de idade de 37 anos; 7 apresentaram resultado não reagente e 2 (22,2%) reagente na sorologia para SARS-CoV-2 (T0).

Conclusão: Os resultados apontam a importância de conhecer o status sorológico, a fim de proporcionar maior segurança em saúde para os envolvidos no tratamento (pacientes, acompanhantes e equipe multidisciplinar). Além disso, os achados poderão propor e mudar protocolos assistenciais, de prevenção e controle de infecção, estabelecer escore de risco, visto que se trata de uma população de maior risco e gravidade. Vale destacar o impacto social que medidas de prevenção e controle de infecção baratas, de fácil e

imediate implantação no SUS, podem trazer à qualidade de vida, qualidade do cuidado, sobrevida do paciente e para a segurança em saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101802>

EP 067

MIELITE TRANSVERSA E VACINA COVID-19: UMA ASSOCIAÇÃO TEMPORAL

Sabrina Hafemann Loz ^a,
Gustavo Figueiredo da Silva ^a,
Caroline Figueiredo da Silva ^b,
Raddib Eduardo Noletto da Nobrega Oliveira ^b,
Felipe William Dias Silva ^b,
João Pedro Ribeiro Baptista ^a,
Carla Heloisa Cabral Moro ^b,
Alexandre Luiz Longo ^b

^a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE),
Joinville, SC, Brasil

^b Departamento de Neurologia do Hospital
Municipal São José (HMSJ), Joinville, SC, Brasil

Introdução: A mielite transversa (MT) geralmente é desencadeada por uma reação autoimune, devido a infecções e, possivelmente, vacinas. Na pandemia atual, há alguns relatos de casos que demonstram uma associação temporal entre a MT e a vacina COVID-19. Em seguida, pretendemos relatar um caso de MT com associação temporal com a vacina ChAdOx1 nCoV-19 (AZD1222, Oxford / AstraZeneca) em um hospital público brasileiro.

Descrição do caso: Uma mulher de 27 anos começou com febre, dor lombar e retenção urinária três semanas após a primeira dose da vacina ChAdOx1 nCoV-19. Dois dias depois, teve diminuição da força de membros inferiores associada a parestesias de extremidades distais. No hospital, houve progressão da fraqueza associada à anestesia em T4-L1. Na ressonância magnética, houve achados sugestivos de desmielinização e inflamação aguda. A análise do LCR mostrou pleocitose monomorfonuclear, aumento da proteína e diminuição da glicose. A coloração de Gram, a pesquisa de bandas oligoclonais, aquaporina-4 e triagem para agentes infecciosos e doença do tecido conjuntivo foram todas negativas. Durante o tratamento, ela recebeu 5 dias de pulsoterapia com metilprednisolona, aciclovir e sete sessões de plasmaférese. Apesar de todos os tratamentos, ela persistiu com plegia de membros inferiores, arreflexia e anestesia ao nível de T4. Recebeu alta com plano mensal de ciclofosfamida e acompanhamento ambulatorial.

Comentários: Na ausência de outras causas, o diagnóstico de MT foi feito com evidências de uma possível associação temporal com a vacina ChAdOx1 nCoV-19. É importante enfatizar que é apenas uma associação temporal e os benefícios da vacinação continuam a superar o risco da MT.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101803>